

Prefacio para a edição na Turquia do livro: Dependência e Desenvolvimento na América Latina

O percurso dos livros é curioso. Este, por exemplo, foi escrito de forma desambiciosa há mais de 45 anos. Era em sua forma inicial um texto para ser utilizado pela CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina, das Nações Unidas, com sede em Santiago, Chile) quase como um documento interno. Na época, embora Raul Prebisch, o famoso economista argentino que dirigira aquela instituição, não estivesse mais à frente da Cepal, ainda era a figura dominante. Foi a partir de vários seminários organizados por ele em 1964, que nos ocorreu fazer os comentários que estão enfeixados no livro *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. O seminário contou com a presença de alguns dos principais colaboradores de Prebisch na época da formulação das teorias estruturalistas de desenvolvimento econômico, como Celso Furtado, e de alguns de seus colaboradores mais novos, como Oswaldo Sunkel, bem como de outros economistas e sociólogos, dentre os quais Enzo Faletto e eu.

Não poderíamos imaginar que esta publicação, originalmente escrita em espanhol e publicada no México, viesse a ter cerca de 40 edições em castelhano, que fosse traduzida para dezenas de idiomas, inclusive o inglês (com mais de oito edições), sem falar no meu próprio, o português, e agora em turco.

Por que? O que explicaria a longevidade de um livro despretenso?

De início a leitura que se fez deste texto foi prejudicada pela vigência nas décadas de sessenta e setenta do século passado de “novas” teorias revolucionárias. Os efeitos das interpretações da Revolução Cubana, sobretudo em sua forma guevarista, quando o Che e Régis Debray, na época influente esquerdista francês, publicaram *A Revolução na revolução*, foram devastadores no pensamento social. Estávamos, em 1967 (data da primeira versão de nosso livro), em plena discussão sobre as “teorias da dependência” e das formas de romper a dominação que os países subdesenvolvidos sofriam por parte dos países centrais, beneficiários do “imperialismo”. A mais influente das propostas políticas inspiradas pela revolução cubana na região foi representada pela idealização do “foquismo”, uma versão latino-americana de guerrilhas apoiados pelos “camponeses”, como Guevara tentou colocar em prática no Congo e na Bolívia.

Diante de um desafio histórico tão grande como o de derrubar revolucionariamente o sistema capitalista, nosso livro sofreu dois tipos de crítica: os leitores de tendência mais liberal e os conservadores viam nele “mais do mesmo”, isto é, outra versão da “teoria da dependência”, que mostrava a sujeição dos países da periferia do sistema capitalista aos países centrais. Os leitores de inclinação mais progressista ou revolucionária desprezavam nossos argumentos. Quais eram eles?

Não tínhamos muita clareza ainda sobre as novas condições da produção capitalista, que se expandia a nível mundial e que, ao sopro das revoluções tecnológicas, como as produzidas pela informática e pelos novos meios rápidos de transporte de mercadorias em grandes escalas, estavam a interligar as economias produtivas pelo mundo afora. Este processo se tornou mais perceptível com as redes informacionais modernas baseadas nos computadores e, mais tarde, com a queda do mundo soviético e incorporação da China ao processo produtivo global, Era a “globalização”.

Na época, não podíamos dar-nos conta da complexidade das transformações que estavam ocorrendo. Sequer a palavra “multinacional” era aplicada às grandes unidades produtivas modernas, E chamadas ainda de trustes e cartéis.

Entretanto, com a experiência de um país que já se industrializava e que atraía capitais estrangeiros, como o Brasil, custava-nos acreditar que as forças imperialistas se oporiam ao desenvolvimento econômico e que só com uma revolução socialista seria possível tirar os países periféricos, dependentes, do subdesenvolvimento. Neste sentido, o livro era original: nem negava a existência de situações de dependência, nem desacreditava que elas poderiam dar margem a deslocamentos desses países tanto na estrutura global de poder, quanto no sentido de alcançarem patamares maiores de crescimento econômico.

Esta, digamos, virtude, era também a fraqueza do livro, ao ver dos críticos. Nem éramos tão subversivos quanto alguns queriam, nem tão acomodaticios quanto apreciariam outros. Só com o tempo, quando as transformações históricas se tornaram mais evidentes –basta mencionar os BRIC’s – foi possível ver que nosso livro, sem ter plena consciência do que estava ocorrendo no mundo, apontava na direção certa: a globalização (cujos primórdios nós estudávamos sem o saber) era mais do que a simples repetição do

velho imperialismo, que dividia o mundo entre produtores de manufaturas e de capital, por um lado, e os produtores, sob controle externo, de matérias primas. A produção industrial se expandia globalmente, embora os laços de dependência, especialmente financeira e tecnológica, persistissem. É esta ambigüidade, a da existência de países que já não são apenas “a periferia” do capitalismo, e ainda não são seu “centro”, mas que dele querem se aproximar, que este livro descreve. Por isso, ele continua vigente.

Há mais. No livro *Dependência e Desenvolvimento* mostramos que a “periferia” nunca foi homogênea e que a dominação, dependendo da forma econômica da produção, gera situações sociais e políticas distintas, que abrem possibilidades históricas variáveis para o percurso de cada país. Não nos conformamos com atribuir os êxitos e fracassos de cada país dependente à ação dos capitais externos e à ação dos países dominantes: há vida, há mudanças possíveis, há escolhas para os países então chamados de dependentes.

Talvez por isso este livro continue a ser publicado e lido. Ele sintetiza percursos variáveis em cada país da América Latina e abre espaço, portanto, para que o mesmo fenômeno ocorra em outras regiões. Assim ele foi lido, por exemplo, na Coreia, outro país que se deslocou na direção do centro. E na Turquia? Não será a mesma coisa? Ou alguém ainda pensa na Turquia apenas como um país “dependente” e “subdesenvolvido”, que ela não é mais?

É por isso que os temas que hoje interessam a países tão distantes geograficamente e tão diferentes culturalmente podem encontrar agendas em comum. É com este propósito que se justifica publicar um livro escrito há tanto tempo: ele pode aproximar países que parecem ter percursos tão diferentes, mas que, noutro plano sofrem efeitos de processos universais, como a globalização, e têm a ambição de que sua voz seja ouvida entre as vozes que prevalecem nos assuntos globais.